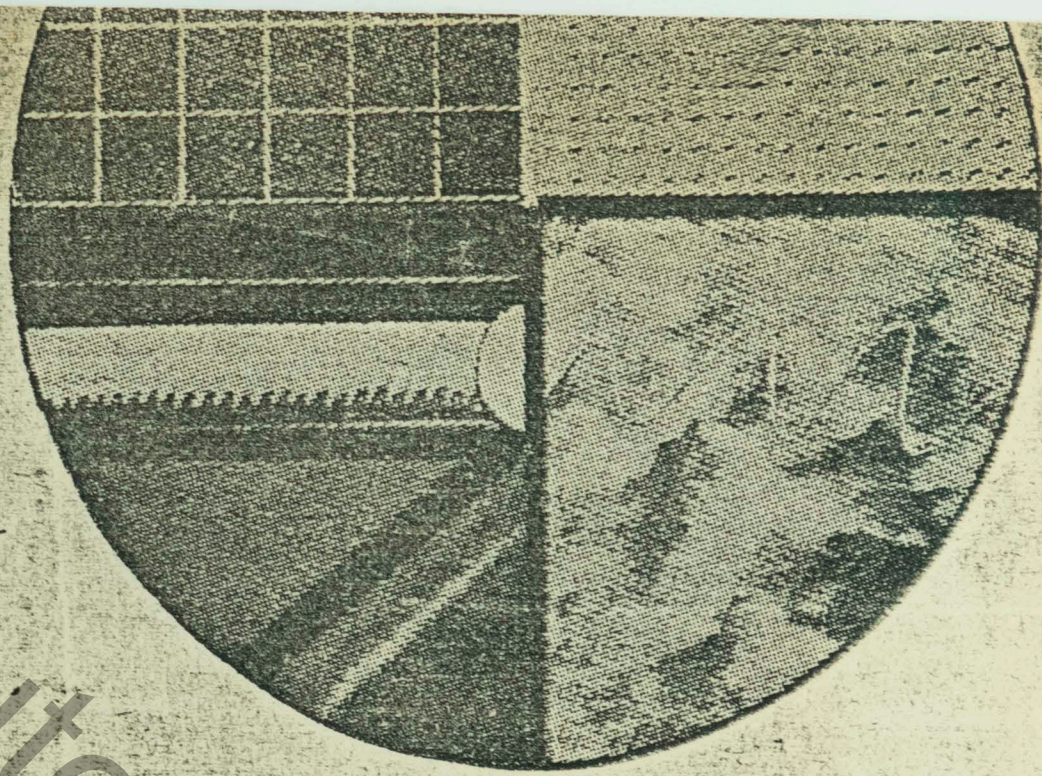


JORNAL: Jornal do Brasil LOCAL: Quarabara

DATA: 04/10/1968 AUTOR: \_\_\_\_\_

TÍTULO: • A visita

ASSUNTO: Crítico e alguns pintores visitam o  
Atelier de Ivã Serpa.



ÓLEO DE IVÃ FREITAS

## O MUNDO RARO DE IVÃ FREITAS

A Galeria Relêvo inaugurou ontem uma exposição do pintor Ivã Freitas. Nascido na Paraíba, expõe pela primeira vez em João Pessoa em 1957. Em 1959 participa do Salão Nacional de Arte Moderna. Participa das Bienais em 1959 e 1961. Numa coletiva na galeria do Instituto Brasil-Estados Unidos tem seu momento de revelação, isto em 1961. No mesmo ano Lina Bardi organiza uma individual de Ivã Freitas no Museu de Arte Moderna da Bahia. Em 1962 expõe 14 guaches em Trieste. Êxito de crítica, de público e de venda. Todos os trabalhos são adquiridos por colecionadores italianos. Expõe em seguida em Veneza, Montevideu e Buenos Aires.

Ivã Freitas é um fenômeno na nossa pintura. Adotou um caminho difícil, aceitou o preço de uma solidão, compondo um mundo raro, que apenas a ciência transpassou, conheceu e amou. Abre-se o horizonte espacial; seu azul vibra como uma lâmina tensa; as superfícies metálicas se atenuam para ser um argênteo sombrio de segurança e prosaísmo; os planos da composição, rigidamente inspirados, realizam aquela harmonia de conjunto que era para Cézanne, a alma do negócio. Sua soneta eletrônica vem regida por leis geométricas, possivelmente tão intuitivas quanto a tomada do tema. Ivã Freitas não estuda cientificamente os fenômenos em que se baseia. Seu arco voltaico, sua vibração hertziana, o circuito, o material novo e intrínseco de sua síntese, são produtos de uma alta intuição criadora. É um puro pintor.

Em sua casa nos desfralda uma ária de sons filtrados, justapostos numa inédita ordem que restaura a origem espiritual da música — o ambiente simples e pequeno onde vive é composto em despojamento. Este suscito subtítulo de seu cotidiano é para registrar que foi buscar na arte um sistema de comportamento vital, que se simplificou e afinou a partir de uma consciência de progresso técnico. Difícil jogo: sua pintura é hoje, entre nós, uma raridade absoluta de não fácil acesso por não se preocupar com nenhum dado decorativo, mas por ser insistentemente uma captação das várias possibilidades de mundos, naturezas e linguagem desdobradas num éter, que antes era para nós apenas um escuro vidro chamado infinito. Ivã Freitas está atento a este enigmático transistor, sente a pressão dessas atmosferas pesadas de

desconhecido, apaixonou-se pela máquina do homem, que atravessa os espaços e matérias, para uma comunicação urgente ou uma conquista a longo prazo. Apesar de todas as nossas vanguardas sua posição é de um extremo e valioso desprendimento. Sem grupos, individual e introvertido, sem manifestos e apelações, podemos ver nesta exposição uma unidade clássica, ao lado de uma expressão que avança no nosso tempo e se situa, seriamente, naquela visão de novo Júlio Verne, diante de uma efervescência espiritualmente liliputiana como a das nossas modas e imitações. Há um instante na vida de um pintor em que nada mais pode fazer além de pintar, apesar das portas fechadas, dos mercados rançosos, do pânico do público diante de uma assustadora revelação. Ivã de Freitas é esse pintor. A cada exposição se confirma seu talento, sua fatalidade, seu grande e generoso mundo interior, capaz de ouvir e de entender, além das estrelas, todo o sentir imodificável do homem condenado a um progresso que tenta triturá-lo e desumanizá-lo. Ivã Freitas ainda, uma vez, corrige este desacerto. Com prazer e com entusiasmo saudamos neste breve espaço a segurança de seu estilo, a exatidão de suas estruturas, a difícil severidade de sua poesia, a centelha pessoal e nítida de sua mensagem.

### • A VISITA

Visito com alguns pintores jovens o atelier de Ivã Serpa. Primeiramente quero testemunhar que o ambiente, a serena pesquisa, o clima de intenso trabalho de Ivã Serpa constituem já uma lição insubstituível. Depois vemos desfilar diante dos nossos olhos trabalhos de suas várias fases: a constante deste depoimento, que varia da harmonia gestual à transfiguração do gráfico, é a perfeição. Sua forma de estar sempre na vanguarda, é aquela forma de realizar antes, de forma insuperável, os vários indícios com que a fisionomia plástica do nosso tempo se revela. Sua abstração geométrica de hoje, dentro do espírito OP, é de uma exatidão, executado em registro tão primoroso, que nos faz participar daquela concentração mágica que Paul Valéry chamava de "pureza do desejo" e da qual dependia a nobreza da obra de arte. Saímos do atelier de Ivã Serpa afinados para um momento de maior rigor.